

Doce Vida

O inventário sobre os bens deixados por meu pai finalmente chegou ao seu final. Assim sendo, eu, como único herdeiro, poderia então vender aquelas terras do interior do estado, que não tinham um grande valor monetário, mas pelo que eu sei, foi o lugar onde meus pais passaram toda a sua vida. O importante é que, com a soma da negociação, poderíamos aumentar as nossas aplicações financeiras, as quais já constituíam um verdadeiro império e proporcionavam a mim e minha família uma vida muito confortável.

Decidi retornar à fazenda para dar início ao processo de venda e conversar com o seu Antonio, antigo empregado de meu pai e que ficara responsável por tomar conta da propriedade após a sua morte. Junto com sua esposa e filhos, seu Antonio sempre fora muito dedicado e eu sabia da grande estima que meu pai tinha por eles. Caberia a mim recompensá-los pelos longos anos de trabalho, de modo que o bom companheiro de prosa, como era sempre chamado, não precisasse mais trabalhar.

Haviam se passado quase trinta anos desde que eu saíra de lá para estudar na cidade grande e construir uma sólida carreira no meio empresarial. Desde então, voltara apenas duas vezes, primeiro para o enterro de minha mãe e depois para o de meu pai, que não demorou muito a ir ao encontro daquela por quem dispensava verdadeira adoração. Eles eram muito felizes no seu cantinho e só o deixavam para visitar os netos, seus verdadeiros tesouros.

Consegui folga no escritório numa sexta-feira e, como em casa, todos estavam envolvidos com a escola e com as atividades do dia-a-dia, fui sozinho para a fazenda. Até hoje eu tenho a impressão de que aquela viagem foi concebida muito misteriosamente, pois sempre eu consegui mover os pauzinhos para que a minha família me acompanhasse, para onde quer que eu fosse. Mas naquela ocasião foi diferente e pela primeira vez eu estava realmente só.

Saí logo de manhã com a intenção de voltar ao anoitecer. A distância não era tão grande, cerca de duzentos quilômetros, mas muita coisa deveria ser resolvida e isso, com certeza, tomaria o dia todo.

Nada chamou tanto a minha atenção até o momento em que, da rodovia, avistei a estradinha de chão que me levaria para o meu objetivo. Imediatamente, o tempo deu um salto para trás e todo aquele verde, que parecia inalterado desde a minha infância, tomou conta do caminho. É incrível como tudo estava exatamente igual como antes e talvez eu

só tenha percebido isso por estar sozinho. A verdade é que não tive essa impressão das outras vezes que viera com a família.

Deparei-me com a velha porteira, inteirinha e bem conservada. Desci do carro para abri-la e enxerguei ao longe a casa grande. Imponente, era rodeada pelas casas dos colonos, na mesma formação dos áureos tempos do ouro verde. Meu pai sempre contava histórias dos barões do café e suas colônias. A riqueza imperava na região, mas isso já era coisa do passado. Na época em que vivi ali, o café não significava mais riqueza e a criação de cavalos substituíra toda e qualquer lavoura.

Resolvi caminhar até a sede e, fechando a porteira, deixei o carro do lado de fora. Andei lentamente, observando tudo o que havia abandonado na juventude. Meus pensamentos, ao mesmo tempo, recordavam o passado e calculavam quanto valeria aquela terra. Presente e passado se misturavam. Passado e presente se confrontavam...

Seu Antonio veio ao meu encontro, atencioso como sempre, da mesma forma que quando me esperava na entrada, após as aulas, sob o pedido de minha mãe. Ele deu-me um longo abraço e pude perceber que estava emocionado. Foram poucas as palavras, todas de preocupação comigo, com a viagem e com a minha família. Fiquei até sem jeito, pois as notícias que eu trazia não eram tão boas. Certamente seu Antonio ficaria triste ao saber da venda, mas era assim que deveria ser.

Já dentro da casa, conversei com todos, sem tocar no assunto principal, e matei-lhes as curiosidades sobre a cidade grande em meio a um delicioso almoço caipira e aos toques do celular, que insistiam em me avisar que as atividades no escritório estavam a todo vapor. Numa dessas oportunidades, fui até a varanda para atender um chamado, mas quando lá cheguei a ligação havia se perdido.

Desliguei o celular e ao olhar em redor notei algo que me deixou paralisado: a cadeira de balanço na qual meu pai ficava horas sentado, contando as suas histórias, enrolando o cigarro de palha - que nunca fumava - e deixando o tempo passar, lentamente. Aproximei-me e sentei. Senti que o balanço era o mesmo, era bom, parecia que eu estava no colo de meu pai. Pela primeira vez, eu me lembrava de como era estar em seu colo. Por instantes, desejei que aquela vida retornasse. Fechei os olhos e enxerguei meu pai, num sorriso que só não era mais bonito do que o de minha mãe. Ela, por sua vez, trazia a minha trouxinha de escola... Ela fazia isso todos os dias de aula.

Quando abri os olhos, tudo desapareceu, mas algo estava diferente. Chamei o seu Antonio e pedi-lhe um pedaço de palha seca. Ao começar a enrolá-la, senti que uma

lágrima marcou o meu rosto. E quanto mais eu enrolava, mais lágrimas rolavam, a ponto de eu chegar a soluçar.

Fiquei em silêncio e só me recuperei quando o bom companheiro de prosa puxou conversa. Ali ficamos horas e o tempo parecia ter parado. Somente quando começou a anoitecer, tive noção do quanto havia se passado, mas a vontade era de continuar sentado naquela cadeira de balanço, olhando o pôr do sol, sem nenhuma preocupação. Quando vi a lua por detrás das árvores, decidi ligar para casa e avisar que não poderia retornar naquele dia. Eu dormiria na fazenda e esperaria por todos na manhã seguinte.

Quando minha mulher e meus filhos chegaram, eu ainda estava na varanda, sentado, absorto pela serenidade daquele lugar. Meu pai tinha razão de não mudar de vida, pois era uma doce vida. Percebi que essa era a verdadeira herança que ele deixara. Se na juventude, eu havia feito uma opção e abrira mão de algo que era tão bom, não poderia agora perder a segunda chance. Talvez eu não tivesse outra...

Vitor Fernandes